

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
O MANIQUEÍSMO NO *CONTRA ADIMANTUM*

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

luccarpinetti@oi.com.br

Mauri Alves Monteiro (UFJF)

mauriam@superig.com.br

RESUMO

O maniqueísmo é uma escola filosófica e religiosa fundada por Maniqueu e concebe o mundo dividido entre bem e mal. Na formação de Santo Agostinho representou uma fase de suas buscas filosóficas e religiosas, mas Santo Agostinho foi mais além dos limites desta visão. Na obra *Contra Adimantum* ele discute, a partir do texto bíblico, a visão de Adimanto, que ele combate nesse opúsculo. Neste trabalho, apresentaremos uma visão desta filosofia religiosa para, em seguida, apresentar o texto de Agostinho e seus argumentos contra essa tendência. É curioso observar que em todas as épocas essa tendência se faz presente e está na base de nossos julgamentos e atitudes mais comuns que constatamos em toda parte.

Palavras-chave: maniqueísmo. História. Filosofia. Santo Agostinho.

1. *Introdução*

Maniqueísmo é a ideia baseada numa doutrina religiosa que afirma existir o dualismo entre dois princípios opostos. Sua principal característica é a concepção dual do mundo como fusão de espírito e matéria, que representam respectivamente o bem e o mal: causa e efeito, certo e errado, é ou não é, isso ou aquilo. O mundo é dividido entre o bem, representado pelo “Reino da Luz”, e o mal, simbolizado pelo “Reino das Sombras”, ou seja, um eterno combate entre Deus e Diabo. Pois Maniqueu a teria formado a partir de um sincretismo misturando características próprias de várias doutrinas, como o hinduísmo, budismo, judaísmo, cristianismo e zoroastrismo, para desenvolver o conceito da antiga religião persa. Denomina-se maniqueísmo a doutrina religiosa pregada por Maniqueu – também chamado Mani ou Manes – na Pérsia, no século III da era cristã. Maniqueu nasceu no ano 216, no sul da Babilônia, região atualmente situada no Iraque, e na juventude sentiu-se chamado por um anjo para pregar uma nova religião. Pregou na Índia e em todo o império persa, sob a proteção do soberano Sapor (Shapur) I. Durante o reinado de Bahram I foi perseguido pelos sacerdotes do zoroastrismo e morreu em cativeiro entre os anos 274 e 277. Criou uma seita religiosa que teve adeptos na Índia, China, África, Itália e Espanha, segundo a qual o Uni-

verso foi criado e é dominado por dois princípios antagônicos e irreduzíveis: Deus ou o bem absoluto, e o mal absoluto ou o Diabo. Pretendia fundar uma religião ecumênica e universal, que integrasse as verdades parciais de todas as revelações anteriores, especialmente as do zoroastrismo, budismo e cristianismo. Manés vive, assim como Confúcio, Buda, Moisés e Maomé, pela ação que exerceu sobre outros. A religião do Egito era confirmada em uma classe privilegiada, mas não se propagava suficientemente para ser permanente, sendo apenas guardada por uma seita clerical com a qual morreu. (*Códice Maniqueu de Colônia*, descoberto em 1969 no Egito) Consiste na oposição entre os pensamentos de rivais políticos, que buscam “demonizar” a imagem do oponente e “santificar” os seus próprios argumentos, mesmo que caiam em contradições, ocasionalmente.

Foi santo Agostinho de Hipona, que se dedicou quase dez anos em pesquisas e produção de obras voltadas para a doutrina do maniqueísmo. Após se converter definitivamente ao cristianismo, tornou-se um dos principais opositores desta filosofia religiosa. Porém, alguns pesquisadores e teólogos acreditam que algumas das premissas do maniqueísmo tenham sido levadas para o pensamento cristão ocidental por Agostinho³¹.

Considerado por muito tempo como uma heresia cristã, o maniqueísmo foi uma religião que, por sua coerência doutrinal e a rigidez das instituições, manteve a unidade e a identidade ao longo de sua história. A simplificação é entendida como forma deficiente de pensar, nasce da intolerância ou desconhecimento em relação à verdade do outro e da pressa de entender e reagir ao que lhe apresenta como complexo. "A pressa de saber obstrui o campo da curiosidade e liquida a investigação em muito pouco tempo", declara o psicanalista W. Zusman (*A terra sob o poder de Mani*, JB, s.d.). A pressa não é só inimiga da perfeição, é também inimiga do diálogo, do pensamento mais elaborado, sobretudo, filosófico e científico. Isso nos faz lembrar o que é atribuído a São Tomás de Aquino: "*Timeo hominem unius libri*" (Temo o homem que só conhece um livro)³². Sócrates, no séc. V a.C., dizia que o *daimon* o guiava ao bem e vetava suas tendências mal pensadas.

³¹ Acessível em: <<http://www.cacp.org.br/maniqueismo.htm>>.

³² É de origem desconhecida esta frase, embora seja atribuída a Santo Tomás de Aquino, conforme nos demonstra Renzo Tosi.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O maniqueísmo é um tipo de gnosticismo, filosofia dualista segundo a qual a salvação depende do conhecimento (gnose) da verdade espiritual. Ensina que a vida terrena é dolorosa e radicalmente perversa. A iluminação interior, ou gnose, revela que a alma, a qual participa da natureza de Deus, desceu ao mundo maligno da matéria e deve ser salva pelo espírito e pela inteligência. “Os homens ‘eleitos’ irão purificar o Bem, com uma vida de castidade, renúncia a família, alimentação especial etc.”³³

O conhecimento salvador da verdadeira natureza e do destino da humanidade, de Deus e do universo é expresso no maniqueísmo por uma mitologia segundo a qual a alma, enredada pela matéria maligna, se liberta pelo espírito. O mito se desdobra em três estágios: o passado, quando estavam radicalmente separadas as duas substâncias, que são espírito e matéria, bem e mal, luz e trevas; um período intermediário (que corresponde ao presente) no qual as duas substâncias se misturam; e um período futuro no qual a dualidade original se restabeleceria. Na morte, a alma do homem que houvesse superado a matéria iria para o paraíso, e a do que continuasse ligado à matéria pelos pecados da carne seria condenada a renascer em novos corpos.

2. *Maniqueísmo como religião*

A ética maniqueísta justifica a gradação hierárquica da comunidade religiosa, uma vez que varia o grau de compreensão da verdade entre os homens, fato inerente à fase de interpenetração entre luz e trevas. Distinguiam-se os eleitos, ou perfeitos, que levavam vida ascética em conformidade com os mais estritos princípios da doutrina. Os demais fiéis, chamados ouvintes, contribuíam com trabalho e doações. Por rejeitar tudo o que era material, o maniqueísmo não admitia nenhum tipo de rito nem símbolos materiais externos. Os elementos essenciais do culto eram o conhecimento, o jejum, a oração, a confissão, os hinos espirituais e a esmola.

Por sua própria concepção da luta entre o bem e o mal e sua vocação universalista, o maniqueísmo dedicou-se a intensa atividade missionária. Como religião organizada, expandiu-se rapidamente pelo Império Romano. Do Egito, disseminou-se pelo norte da África, onde atraiu um jovem pagão que mais tarde, convertido ao cristianismo, seria doutor da

³³ Acessível em <http://www.espacoacademico.com.br/007/07rav.htm>

igreja cristã e inimigo ferrenho da doutrina maniqueísta: santo Agostinho. No início do século IV, já havia chegado a Roma.

Enquanto Maniqueu foi vivo, o maniqueísmo se expandiu para as províncias ocidentais do império persa. Na Pérsia, apesar da intensa perseguição, a comunidade maniqueísta se manteve coesa até a repressão dos muçulmanos, no século X, que levou à transferência da sede do culto para Samarcanda. Missionários maniqueístas chegaram no fim do século VII à China, onde foram reconhecidos oficialmente até o século IX. Depois foram perseguidos, mas persistiram comunidades de adeptos no país até o século XIV. No Turquestão oriental, o maniqueísmo foi reconhecido como religião oficial – séculos VIII e IX – e perdurou até a invasão dos mongóis, no século XIII.

O pensamento maniqueísta inspirou na Europa medieval diversas seitas ou heresias dualistas surgidas no seio do cristianismo (bogomilos, na Bulgária (século X) e a dos cátaros ou albigenses, que se propagou no sul da França no século XII. Este último movimento foi uma das mais poderosas heresias da Europa, sufocada de modo sangrento no início do século seguinte³⁴.

Como podemos ver o maniqueísmo chegou a ser uma religião específica num determinado espaço e tempo. Mas seu conceito em si, de que o Universo está em eterna oposição de dois princípios primários que seriam o Bem ou o Mal, sempre foi amplamente difundido em todos os tempos com maior ou menor grau de intensidade. E principalmente hoje em dia pensamentos Maniqueístas permeiam Todas as religiões Monoteístas ocidentais, aceitas pela maioria da população mundial. Vejamos 4 exemplos:

	<u>Princípio do Bem</u>	<u>Princípio do Mal</u>
Zoroastrismo	Ahura Mazda	Angra Mainyu
Judaísmo	YHWH / Elohim	Samael (Satanás) e "Shekinah (Face feminina de Deus) / Lilith"
Cristianismo	Jeová / Javé	Lúcifer / Satanás
Islamismo	Alá	Shaitan / Satanás

Quando se atinge um mínimo de vivência, qualquer pessoa percebe que o mundo não é tão simples assim, descobre que esse tal Mal não é tão fácil de identificar, que geralmente não sabe se a maioria das pessoas são no fundo boas ou más, muitas vezes não consegue atribuir uma des-

³⁴ Acessível em <<http://orbita.starmedia.com/~hyeros/maniqueismo034.html>>, no dia 16-02-2016

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sas qualidades extremas nem a si própria e no final acaba se rendendo ao fato de que todos parecem possuir um lado bom e um lado mau.

Não por acaso todas as grandes movimentações destrutivas da história tinham como *slogan* o tradicional "We Are Right". Nós sabemos que isso significa "Nós estamos certos", mas isto são as iniciais de WAR, que é guerra. Os centuriões romanos "sabiam" que Roma era o progresso, o futuro e, portanto, o Bem. Os cavaleiros cristãos medievais tinham certeza de que lutavam por uma causa "santa" e mesmo os soldados nazistas estavam convictos de que tinham uma nobre causa.

Caminhamos há milênios, estigmatizando irracionalmente as facções que não compreendemos. Os espanhóis colonizadores precisavam acabar com o maligno paganismo nas Américas, e os nativos se defendiam dos "demônios" espanhóis que vestiam roupas reluzentes, montavam estranhos animais e tinham armas que cuspiam fogo. Em todas as guerras da história, jamais um lado deixou de se considerar o certo.

Afinal, os bárbaros antigos estavam para os romanos, tão errados quanto os muçulmanos medievais para os cristãos da cruzada, ou os judeus, os poloneses, os franceses etc. para os alemães que sentiam também estar certos.

Caminhamos, há milênios, estigmatizando irracionalmente as facções que não compreendemos. Os espanhóis colonizadores precisavam acabar com o maligno paganismo nas Américas, e os nativos se defendiam dos "demônios" espanhóis que vestiam roupas reluzentes, montavam estranhos animais e tinham armas que cuspiam fogo.

Uma pessoa de mentalidade maniqueísta é fácil de ser manipulada, ele enxerga o mundo através de uma lente que só distingue preto e branco, se conformando com tons de cinza e se tornando insensível às infinitas cores da realidade. Essas pessoas não conseguem distinguir os eventos, pois uma vez que devem se encaixar nos rótulos de bem e mal, todo os demais conteúdos que poderiam até ser aproveitados são então ignorados.

E assim, alguns consideram as religiões pagãs como coisas do demônio, desprezando-as completamente e infelizmente alguns pagãos não fazem muito diferente com as religiões tradicionais.

O maniqueísmo força a uma visão de universo simplesmente absurda, de que podemos separá-los em aspectos primordiais que não se harmonizam. O taoísmo declara que toda a realidade se baseia no yin e

yang, que são o feminino e o masculino, a noite e o dia, o úmido e o seco, o frio e o quente. Não incluí o bem e o mal. A concepção original do taoísmo e da maioria das filosofias orientais e místicas não fazem associações morais ou éticas sobre os dois aspectos primários. Qual é talvez o maior dano psíquico que o maniqueísmo infligiu à humanidade?

Se formos forçados a separar a realidade em aspectos duais benígnos ou malignos, como classificaremos o grande e o pequeno, o preto e o branco, o masculino e o feminino? Quem será o bem e quem será o mal?

Durante mil anos, a Igreja tinha a resposta a essa questão, o feminino, a matéria e o prazer eram malignos e o masculino, o espiritual e a dor eram aspectos do caminho para a divindade. Entre os princípios yin-yang, masculino-feminino e etc. O bem seria a harmonia entre eles e o mal, a desarmonia. E o mais interessante é que todas as religiões sabem disso!...

No budismo, há a máxima: "Não firaís aos outros com o que vos fere". No islamismo, apregoa-se o seguinte: "Nenhum de vós sois um crente até devotar pelo próximo o amor que devota a vós mesmos". Já no hinduísmo, há o seguinte pensamento: "Não façais aos outros o que se fosse feito a vós, vos causaria dor". Enquanto que, no judaísmo, o ensinamento é "o que não queres que vos façam, não façais aos outros". Finalmente, no cristianismo, Jesus encerra a Lei e os Profetas na seguinte máxima: "Ame a teu próximo como a ti mesmo e a Deus sobre todas as coisas".

Essas máximas perduram e muitos acreditam que as conquistas só têm valor se obtidas com sofrimento, outros acham que o caminho das pedras necessariamente conduz ao céu, outros que o prazer só enfraquece e destrói o ser humano.

As religiões estão falando de união, de harmonia entre as pessoas, de que elas reconheçam nas outras aquilo que há nelas e que convivam com suas naturais diferenças com respeito mútuo. Assim as dualidades ficam harmonizadas, esse é o verdadeiro bem! O maniqueísmo vai contra isso! Ele tende a forçar a realidade, como se encaixando em conceitos de bem e mal absolutos, nos quais jamais saberemos identificar com precisão.

Os romanos disseram o mesmo aos bárbaros; os cristãos, os muçulmanos, os alemães, os aliados... que os outros estavam errados e eles,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

certos, sendo que, na verdade, a única coisa errada era estimular a desarmonia, e que a única coisa realmente certa era buscar um entendimento harmônico.

Não devemos estigmatizar a religião de Maniqueu como sendo essencialmente destrutiva. Os sistemas religiosos, em geral, não são muito diferentes do que já existe. Está arraigado o hábito de estigmatizarmos a realidade de forma tão arbitrária: o fundamento primário de toda percepção da realidade, vai exatamente no ponto chave de toda a grande questão universal, e a distorce!

O maniqueísta insiste em ver o problema onde, de fato, ele não existe, desviando a atenção da verdadeira ameaça. Ele inverte completamente o sentido da vida e do mundo.

Pode ser dito por alguns que o maniqueísmo é útil em alguns momentos, principalmente em situações que se exijam medidas drásticas e rápidas.

Pode até ser que alguém manipulando outras pessoas as façam cumprir tarefas que elas mesmas não sabem o que significam. Mas se não houver quem saiba o que está fazendo, o maniqueísmo nunca seria útil, pois seu fundamento está exatamente em eliminar a possibilidade de ver o problema real. O simples estigmatizar é destruir a verdadeira solução. Mas quem quiser realmente compreender a realidade, tem que vê-la por inteiro, e não apenas metade dela. O que o maniqueísmo invariavelmente faz é destruir essa percepção da realidade, produzindo autênticos cegos mentais. Infelizmente assim tem caminhado grande parte da humanidade.³⁵

O maniqueísmo, ao qual santo Agostinho aderiu durante uns anos antes de sua conversão, distinguia dois princípios-causas de todas as coisas: um, bom, a luz, ao qual se dava o nome de Deus; e outro, mal, as trevas. Todas as coisas boas eram atribuídas à luz, e as coisas más (as materiais, inclusive o corpo humano), às trevas. Enquanto esteve seduzido por esta seita (não chegou a fazer parte dela: foi apenas um *auditor*) durante nove anos (de seus 19 aos 28 anos de idade) teve assim uma explicação fácil da origem de todos os males e uma desculpa para seus pecados, pois todo mal (também os pecados) devia seu princípio ao mal (às trevas) que agiam por meio dos demônios. Já um pouco antes de sua

³⁵Consultado em: <<https://pequenomonge.wordpress.com/2014/03/27/santo-agostinho-e-o-maniqueismo/>>.

conversão, intelectualmente santo Agostinho viu não haver coisas más, senão que tudo o que existe é em si bom e criado por Deus do nada (=ausência total de ser), isto é, que não o fez de sua substância nem utilizou qualquer coisa prévia para criar o que criou. A razão de por que Deus criou o céu e a terra, isto é, tudo, está unicamente em sua vontade acima da qual não há nenhuma causa nem nada.

Santo Agostinho não presta muita atenção ao mundo: sempre o refere a Deus. Deus criou tudo com medida, número e peso. Todas as coisas, ao contrário de Deus que é imutável (= eternidade de Deus), são mutáveis (daí vem o tempo); do qual se deduz que se compõem de matéria e forma. Isto é o que distingue umas coisas de outras; a matéria é algo informe, através do qual umas coisas se transformam em outras pela ação de Deus. Há graus de perfeição nas coisas e todas provêm de Deus e participam de suas perfeições em distintos graus. O mundo não foi criado *no* tempo, mas *com* o tempo: não existia nada, nem o tempo, antes da criação (no século XX, Einstein alcançou ver o mesmo, ainda que não mencione a Deus). Só existia Deus em sua eternidade imutável, sem princípio nem fim; o tempo vem depois com as coisas mutáveis. Deus criou primeiro a matéria informe na qual introduziu as *rationes seminales* ou *causales* das demais coisas, que se formarão e existirão depois sempre sob a ação de Deus; portanto, santo Agostinho é evolucionista moderado, não transformista, intuindo a teoria que vai tendo mais adeptos junto aos cientistas de hoje. Por último: a) Deus controla todas as coisas, que retornariam ao nada se ele não as conservasse em seu ser; b) o mundo (=universo) não é eterno (por fim, a ciência alcançou entendê-lo no século XX); não ocorrem os acontecimentos de uma maneira necessária ou fatal, pois Deus controla tudo, que, à diferença dos humanos, sabe perfeitamente tudo o que vai acontecer; portanto, a astrologia é um engano e as coisas não ocorrem de um modo necessário (= fatalismo), mas sob a égide de Deus onipotente.

3. *Desenvolvimento*

Santo Agostinho considera os maniqueus bastante estúpidos na afirmação com o anunciar uma passagem da Lei. No *Contro Adimanto* está: “*no principio Deus criou o céu e a terra... E foi criada a noite e foi criada a manhã... primeiro dia.* Em contraste com o Evangelho, esse afirma que no *Genesis* está escrito que Deus criou o céu e a terra e a luz

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

de si mesmo, enquanto no Evangelho está escrito que o mundo foi criado com a intervenção de nosso Senhor Jesus Cristo, onde se diz:

E o mundo foi criado por meio dele e o mundo não o reconheceu... o cristão o entende referido à mesma Trindade, em que se compreende não só o Pai, mas também o Filho e o Espírito Santo... Deus disse seja e assim foi feito, por meio do Verbo”.

Para o Cristão quando o texto fala da “*Unidade*” aqui compreendida pela “Trindade” “Pai, Filho e Espírito Santo”. O “Verbo do Pai” é o “Filho” os maniqueus, portanto, voltam a sustentar quando do mesmo diz o Apóstolo Paulo: “*Ele é o primogênito de toda criatura; e por seu meio são criadas todas as coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis...*” contrastam com o *Gênesis*, onde se afirma que Deus criou o mundo, mas não faz nenhuma particular menção ao Filho: fortemente se enganam. Será que o Apóstolo está a se contradizer? Em outro passo o define: “O único, do qual e graças ao qual e pelo qual todas as coisas são...”, não faz menção ao Filho.

O mais provável é que Deus criador no próprio ato de engendrar não tenha encerrado a criação à própria sorte, mas como um fluir perpétuo e eterno de expansão e contração, acolhe e ampara do princípio ao fim o que nele “Veio a Ser”.

Assim é ao menos controverso o argumento que segue ao comparar Deus a um trabalhador braçal humano (δημιουργός, -ού), como vemos em 2.1.

os maniqueus contestam: Deus no sexto dia completou toda a sua obra que tinha feito e se repousou no sétimo dia... é contradito pelo Novo Testamento... O Senhor diz: o meu Pai obra até agora... Mas confronta o erro dos Judeus, que Deus se repousou no sétimo dia... Mas se continuou a criar o mundo e as coisas que nele existem.

Santo Agostinho esclarece... não no sentido de repousar do governo do mundo, se repousou da obra que havia feito, mas não de modo tal a não operar mais em seguida, é este o sentido de repouso depois da fadiga; cessou a criação das coisas na ordem natural após conduzi-las a termo, embora tarde continua ainda a governá-lo agora. Santo Agostinho reafirma a necessidade do descanso depois de uma fadiga: “Do mesmo modo nós também conseguiremos o repouso prometido tão logo completadas as obras terrestres, se justas forem”.

No mito da criação o surgimento de “Eva” *Gênesis*:

Não é bom que o homem o seja só; façamos a ele uma ajuda. Agora Deus justa infundiu um sono em Adão e este se adormeceu; depois tomou uma de suas costelas da qual formou Eva que conduziu a Adão; e disse: Por isto o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua mulher. Os maniqueus contestam... que a opinião ali expressa, que Deus havia formado a mulher e a havia unido ao homem, é contestada no Novo Testamento. O Senhor diz no Evangelho: Qualquer que tenha deixado a casa ou a esposa ou os genitores ou os irmãos ou os filhos pelo reino dos céus, receberá cem vezes mais tanto no tempo presente e no século futuro possuirá a vida eterna. (*Contro Adimanto*, 3. 1)

Os maniqueístas contestam a permissividade dos Judeus, ao que parece, tão cara em relação à sexualidade no casamento. Agostinho, ao contrário, reage a essa crítica vendo nos antagonistas uma desvelada cegueira e malícia que raia tanto à levandade quanto ao sacrilégio; uma violência sem ponderação:

Não haveis lido talvez que aquele criou o homem no princípio, o criou macho e fêmea... porque o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e serão dois em uma só carne? Aquilo que Deus uniu, o homem não separe... Adiante ... Moisés ordenou dar ato de repúdio a ela e mandá-la embora?

Jesus esclarece que, o ordenado por Moisés, se deu pela dureza do coração da população... e ao mesmo tempo Moisés permitiu o divórcio, como motivo extremo. Mas, Agostinho pensa que os maniqueus entendem existir uma contradição nas escrituras (Evangelho e Velho Testamento), ousando dizer que o texto não é autêntico e foi adicionado por falsários. “[Eu, Jesus] vos digo, qualquer que rejeitar a própria mulher, salvo a motivo de fornicação, a manifestará adúltera; e se ele mesmo esposar uma outra, igualmente cometerá adultério”.

Outra contradição repousa na afirmação dos maniqueus ... “deixará a casa ou a esposa ou os genitores ou os filhos pelo reino dos céus...” Apesar de Jesus ter dito isso, o sentido repousa não no dismantelar a fé ou da instituição Católica; mas ao contrário Jesus dá a própria vida como testemunho de que será ressuscitado. Mais adiante o Apóstolo Paulo:

Se um que professa a nossa fé tem mulher não crente e esta consente em estar com ele, não a repudie... caso a mulher não cristã o reprove, por não suportá-lo, de fato a deixe, pela circunstância de não suportar a servidão (submissão) do Cristão... na verdade, não há contradição se uma mulher se une ao homem para que juntos venham adquirir méritos e possuir o reino dos céus; tudo ao inverso se tal união impede o reino dos céus. (3.2)

Dessa forma adverte o Apóstolo: marido e mulher se amem reciprocamente do modo ensinado por Jesus: “amai-vos uns aos outros como vos tenho amado”. Subentendo o “Amor” o grande e verdadeiro mistério... amar a mulher como a si mesmo, e que esta seja respeitosa de seu

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

marido. Tudo então provém de Deus, o único Espírito Santo; nem o homem é sem a mulher nem a mulher sem o homem. De fato, a mulher deriva do homem e o homem assim tem vida na mulher. Então, os maniqueus não obscureceriam os não experientes se considerassem estas concepções, contrapondo e separando de seu contexto, o Antigo e o Novo Testamento (Único Espírito Santo = fonte de toda lei), ao escrever e transmitir de geração a geração, a memória dos fatos, tradições, usos e costumes, transferidos de seu significado. (3.3)

Do celibato e a promessa referida pelo profeta Isaías, não é somente Cristo a louvá-lo no Novo Testamento. Alguns se privam da sexualidade pelo reino dos céus:

...quantos observam meus preceitos e escolhem as coisas para mim agradáveis e serão capazes de respeitar a minha aliança, a eles darei a minha casa e atrás dos meus muros um posto... e um nome eterno que não será esquecido... na verdade as Santas Escrituras falam não de difamadores temerários e soberbos (da honra, da reputação), mas de leitores diligentes e devotos. (3.4)

Agostinho refuta a oposição posta por Adimanto entre a maldição imposta a Caim: “deverá trabalhar a terra e essa não te dará os seus frutos (a terra lhe será estéril)”. E o Evangelho quando Cristo admoesta aos discípulos: “de não preocupar-se do amanhã”. Os maniqueus que talvez pensem lidar não necessariamente de homens prudentes, mas de “ouvintes” [seguidores como ovelhas] mais preocupados em tomar notas ou ler os próprios escritos, sem aproveitar e desse modo absorto na lerteza de engenho e ignorância ou cegueira de alma. Cristo adverte os discípulos da esperteza ou sabedoria dos pássaros: “Carpe diem” “... não semeiam, nem ceifam, nem acumulam nos celeiros os grãos”. Então, como se pode comparar maquiando o “homicida Caim do próprio irmão” com os discípulos de Cristo que vinham preparando a disseminação do Evangelho. Ao avesso do que parece, sem se preocupar com o amanhã [porque cabe a Deus prover a nutrição deles], ponha os próprios frutos à disposição daqueles que pregando a palavra de Deus, tornam possível a salvação dos irmãos. Se horrorizam diante da ideia que no Antigo Testamento a maldição de Deus determina seja estéril terra por causa do pecado. É auspicioso que os maniqueus compreendam, se capazes, que o Antigo Testamento ainda que não aceitem, são totalmente justos e equiparam ao Novo Testamento. “A verdade é que as santas Escrituras clamam não por deneigradores temerários e soberbos, mas leitores diligentes e devotos” (3.4; 4). Por conseguinte, para quem considera exatamente as coisas fica evidente a harmonia entre os dois Testamentos.

Os maniqueus contrapõem a afirmação do Gênesis, a significar que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus:

... façamos o homem a nossa imagem e semelhança... e Jesus disse no Evangelho sobre os Judeus... vós tendes por pai o diabo, e quereis realizar o desejo de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não perseverou na verdade, porque não há verdade nele... e em outra parte ... os Judeus vêm definidos "raça de serpentes e de víboras"... por causa do veneno e do pecado deles. (5.1)

Já Agostinho esclarece que tal referência se deu para a criação do homem antes do pecado e por adição aos infiéis que imitam do mal a impiedade e a soberba que os corrompe, não perseverando na lei que foi dada pelos profetas e legisladores. A outra condição se resume na necessidade de abandonar as coisas do passado, do velho; e da necessária transformação operada pela consciência de Deus, que renova a criatura a tal ponto de: "amar os inimigos" por um poder que nos é dado de Deus mesmo imitando a obra do "Criador". Uma vez que nos tornamos semelhantes a Deus que está nos céus e na palavra do profeta: "vós sois deuses, sois filhos do Altíssimo. Todavia morrereis como homem e caireis como um qualquer que seja príncipe". (5.2)

Os maniqueus assinalam aparente contradição entre o filho honrar pai e mãe (Êxodo) e o Evangelho: "... irei primeiro sepultar meu pai. E [Jesus] responde: deixa que os mortos sepultem os seus mortos; tu vens e anuncia o reino de Deus". Agostinho assegura a não contradição entre os filhos honrarem seu pais e os pais amarem os filhos. Asseverando ser ainda maior "o amor de Deus" no qual reside a total perfeição. E alerta ser o amor ao próximo um grau seguro que conduz ao amor de Deus. [Jesus] adverte mais:

...lhes falta algo para ser perfeito: vender tudo isso que possui, doá-lo aos pobres e segui-lo. No confronto com o amor de Deus, esses sejam descuidados, sobretudo se constituem um impedimento. Afirma o Antigo Testamento: Quem diz ao pai ou à mãe: Não os conheço, e quem não reconhece os próprios filhos, estes aprenderam a conhecer a sua aliança. (6)

Assim o Novo Testamento recomenda o respeito aos genitores e no Antigo Testamento recomenda o descuidar-se, por causa do amor incondicional a Deus que põe em acordo os dois Testamentos. Jesus indaga: "Quem são meus pais e meus irmãos? Se não aqueles que fazem a vontade de Deus".

O castigo e o perdão para os maniqueus estão em contraste no Velho e Novo Testamentos. Será para enganar os inexpertos e por silêncios de estar em contradição, se ostentam um fim a exceder os bons? E

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ainda a quem estaria dizendo o Senhor: “Andais no fogo eterno preparado para o demônio e para os anjos seus, do momento que perdoas todos e não condenas nenhum?” No livro do Êxodo está escrito: “Eu sou um Deus zeloso que faz recair sobre filhos até a terça e quarta geração a culpa dos genitores que me odiaram”. Evangelho: “Sejais bons como o vosso Pai celeste, que faz surgir o sol sobre bons e malvados”... “Quanta vezes devo perdoar o irmão que pecou? [Jesus] não só sete vezes, mas também setenta vezes sete... (7.1)

Agostinho assevera, na verdade, não é por crueldade, mas acima de tudo por justiça de Deus, não é por iniquidade deles que vêm punidos. O Espírito Santo, que educa, foge à hipocrisia e subtrai aos discursos privados de sentido e se retira quando sobrevém a iniquidade, o engano, a cegueira (o homem será punido quando o Espírito Santo o tiver abandonado, Deus os abandonará aos perversos desejos de seus corações). Então, não é Deus o “ser cruel”, mas alguém o torna pecando contra si mesmo. De modo que, um filho que persevera na justiça interromperá o castigo que recaía sobre os genitores.

Os maniqueus apontam a contradição existente no Evangelho: “Sejais bom com vosso Pai celeste que faz surgir o sol sobre bons e maus”. Já no Antigo Testamento está: “Deus comporta desse modo para exercitar-nos à penitência... não sabes que a paciência de Deus te impele à penitência? Então, não se deve acreditar que Deus não punirá aqueles que dia a dia acumulam sobre si a ira; ao contrário do justo, que vela por sua obra. Agostinho está a revelar a necessária paciência, bondade e perdão, para aqueles que amem as almas indiferentemente. Porque misericórdia e justiça por parte de Deus não exclui bondade e severidade. (7.3). O Apóstolo Paulo desconcertantemente afirma: “Eu nutro por vós um ciúme divino; vos tenho em promessa um só esposo para apresentar-me a Cristo como uma virgem pura”. Assim, a Sagrada Escritura utilizando nossas expressões demonstra não haver nada digno de Deus, porque palavras desse teor resultam indignas da majestade divina. A Escritura assevera a regra de Deus não permitir à alma nenhuma forma de fornicção, coisa que a distancia dos frutos fecundos da prudência; ao conceber toda tentação e corrupção ao liame temporal. Diz a profecia: “...Importa não a morte do pecador, mas que se arrependa e viva”. Está claro ser o mesmo para Deus, o castigo que acompanha o arrependimento, pois os dois harmonizam o que está escrito. (7.5)

Os maniqueus denigrem os preceitos da lei: “Olho por olho dente por dente”, ao admitir que Jesus aconselha o oposto de dita vingança: “Se

alguém levá-lo a juízo por sua túnica, ceda-lhe também o manto... Eu vos digo, ao contrário, de não resistir aos malvados”. Os homens enlouquecidos pela vingança desejam impor uma ofensa superior à recebida. Mas na visão de Agostinho aparece a difícil aquisição do grau de doçura! Não para aquele que aprendeu não ultrapassar a medida, a proporção (sendo moderado); e assim pudesse saborear na alma tranquila a alegria de perdoar completamente. Outro profeta fala do homem capaz de tolerar as ofensas com benevolência e mansidão, já saciado dos ultrajes. Portanto, o Novo como o Velho Testamento assinalam a possibilidade do perdão total de uma ofensa. (8)

O Deus “visível” do Antigo Testamento “Deus fala com Adão... a serpente seduz Eva”. O Deus “invisível” e “inefável” de Jesus: “Nenhum jamais viu Deus, exceto o Filho que está no seio do Pai, a esse o fez conhecer...” Voltando-se para os judeus diz: “vós não ouvistes mais a sua voz, nem vistes o seu vulto e a sua palavra não habita mais em vós”. E como estes não reconheceram o “Filho” (Jesus) imagem do “Verbo de Deus” manifestado através da potência angélica nele incorporada, nele coeterno e imutável; não pode ser visto, senão, por um coração puro e sem malícia, angelical. No profeta, o “Verbo de Deus”, utiliza sua boca para manifestar-se e a vontade do Anjo lhe aparece. (9.1)

Para os maniqueus, Deus fala no Gênesis aos pecadores a Adão e Eva por meio da serpente; no Evangelho Jesus voltando-se para o homem estúpido e ávido diz: “Esta noite mesma te será tolhida a tua alma e daquele que te preparou, por quem será?”. Os judeus que recusaram a Jesus ficaram sem palavra por força de sua culpa, por não ouvirem e por não acreditarem. Daí a necessidade de manter o “coração puro”, porque esses verão e ouvirão a Deus, por maravilhar-se. Eis a harmonia do sagrado e não a contradição dos maniqueus. (9.2)

Sobre o passo da Escritura que Deus assinala a Moisés da necessidade de recolher ofertas de todo gênero para construir um santuário (templo) onde se estabeleça a aliança de Deus e dos homens. Os maniqueus dizem em oposição ao que foi dito, contrapondo os Evangelhos... “Não jurarás nem pelo céu porque é o trono de Deus; nem pela terra porque é apoio para os seus pés...” Então argumentam ser impossível a Deus habitar um templo todo paramentado de ouro e objetos de luxo, se o Mesmo (Deus) tem como trono o universo e habita uma luz inacessível. Agostinho relevando argumentos do Novo e do Velho Testamento afirma: “Qual lugar poderia ser repouso [ideal] de Deus, se não é sua mão que fez todas estas coisas? O próprio Jesus não violentou e afugentou

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

aqueles que faziam comércio de produtos na região limítrofe do templo dizendo: “A casa de meu Pai será chamada casa de oração, mas vós fizestes dela covil de ladrões”. Os dois argumentos não se contradizem, mas se uns negam (os maniqueus) poder Deus habitar casa construída pelos homens; os maniqueus afinal admitirão que a permanência de Deus vai intendido, em lugar e tempo e determinado, construído ou não por mão humana. (10)

Como se afirma no Êxodo: “Vós não adorareis deuses estrangeiros... O vosso Deus se chama zeloso”. Mostrar ciúmes é próprio de quem sente zelo por outras pessoas. Com isso os maniqueus mostram abertamente quererem e desejarem que se adorem muitos deuses. E não é de maravilhar-se que a seita deles enumera e glorifica uma família de fato com muitos deuses, como se fora a luz da verdade mesma, impelindo-os, avançando até as coisas visíveis que esses veneram. Assim juntam uma outra asserção: “Deus zeloso, porque provou ciúmes... não lhes permite que adoreis ... deuses estrangeiros”. E Jesus disse: “Pai justo, o mundo não te conheceu”. Quase não deve definir justo Deus, se não nos permite adorar deuses estrangeiros... afirmando ainda que se enganam aqueles infelizes (os maniqueus?) que não compreendem que no zelo de Deus é posta a esperança da nossa salvação, uma providência de Deus, a qual não consente que nenhuma alma se afaste impunemente dele. Na voz do profeta: “Tu mandarás em ruína aqueles que se distanciaram de ti”. Agostinho diz não ser a ira de Deus uma paixão da alma, mas a capacidade de vingar-se; nem o zelo de Deus um tormento na alma como entre marido e mulher; mas um ato de justiça muito sereno e perfeito, pelo qual não é consentido ser boa nenhuma alma corrompida, nem agravada de falsas crenças e ímpias paixões. Os maniqueus não se dão conta de como nenhuma palavra possa ser ajustada à realidade infável do divino Espírito Santo; provando horror por estas palavras, evitando-as. Assim escolhendo palavras utilizadas por homens inteligentes, que de ordinário servem a indicar um vício, pensam poder pronunciar em consonância a Deus, são indignas da sua majestade; com isso prestam mais honra ao silêncio, que a qualquer palavra humana. Cícero uma vez disse a Cesar: “nenhuma de tuas virtudes é mais admirável e apreciável que tua misericórdia”. Misericórdia deriva do fato que torna miserável a alma de quem se aflige pela miséria dos outros. Estando em questão o conteúdo verbal e não a palavra de autor profano, o Evangelho se vale amiúde da expressão: “a misericórdia de Deus”. Então, como ousam os pobres maniqueus criticarem e negarem que Deus seja misericordioso: “Como pode acontecer que Deus seja misericórdia sem existir miséria da alma? Uma das di-

ficuldades está em aceitar os condicionamentos da linguagem humana... “zelo de Deus sem corrupção e sem tormento da alma...” e então elevar-se ao silêncio divino. “O zelo de tua casa me devora” ou “O Senhor é justo, ama as coisas justas, o seu vulto vê a equidade”. O quanto basta a quem compreende é que estão em harmonia os dois textos, do Novo e do Velho Testamento, em virtude de eles formarem uma unidade. (11)

Os maniqueus dizem de não temer aqueles que possam matar o corpo, porque não podem causar nenhum dano à alma, e arrogam perguntando como pode um assassino não causar dano à alma tendo tanto poder ao derramar o sangue da vítima? Ao que Paulo rebate no Evangelho: “porque a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus”. E Moisés era tão descrente de seu povo que afirmava: “não se encontra alma alguma nem apta a obter o reino de Deus...” Agostinho considera uma grande calúnia estar a alma no sangue do homem, e também os desventurados augúrios daqueles examinadores de vísceras, que se esforçam em vão sem nada compreenderem. Importa o que é dito sobre a alma humana racional, e não, a alma animal como objeto de reencarnação a impedir o acesso ao reino dos Deus (no céu), se admitem que o seja através das almas dos animais. (12.1)

E o que dizer de Adimanto o grande doutor daquela seita, discípulo de Manes, ao insultar ao povo de Israel e o povo judeu, afirmando ser a alma de seus pais, sendo opinião daqueles: “...o sangue seja a alma, são em parte devoradas pelas serpentes, em parte consumadas pelo fogo, em parte secadas nos desertos e sobre montanhas intransitáveis”. E mesmo admitindo não ser culpa deles e que ele não tenha querido ofendê-los. Não ficam aqueles magoados por causar dano à memória de seus pais? Adimanto não estava convencido que a alma racional do homem podia ser encontrada no corpo de bestas? Que grande crime cometerá chorando o próprio cavalo quando é lento ou refuga, tratando-o a chibata; imaginando estar um ancestral naquela alma? Para não dizer que poderiam matar seus genitores, mesmo em meio a carrapatos e pulgas, de cuja eliminação os maniqueus não se abstêm. Valeria negar que as almas humanas possam reencarnar-se em animais assim minúsculos? Negam para que não sejam culpados de numerosos assassinatos ou por não serem acusados de molestar seres minúsculos. Afinal se podem reencarnar-se em uma fuinha, por que não em um rato, uma lagartixa, uma abelha ou gafanhoto? (12.2)

Paulo assegura: “meu espírito não permanecerá [no sangue] porque não sou carne”. E tantas vezes no Antigo Testamento vem prometido

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

o prêmio futuro às almas dos justos (por efeito da ressurreição) que serão como anjos. Por isso é necessário que este corpo corruptível se vista de pureza e imortalidade. Nem toda carne é a mesma: “uma é humana, outra de animais, de pássaros, de peixe etc.”. Como nem toda luz é a mesma: “Existe o esplendor dos corpos celestes, do sol, da lua, das estrelas, etc.” De modo que, assim como os corpos celestes diferem uns dos outros no esplendor, também na ressurreição dos mortos ocorrerá diferenças de esplendor. Adimanto se indigna com má fé à última expressão, omitindo [o corpo espiritual] a precedente que vem de modo dúbio interpretado, ao ponto de não ser mais corpo e, sim, espírito na eternidade (alma imortal). O Apóstolo Paulo anuncia um mistério: “Todos ressurgiremos, mas nem todos seremos transformados em um instante, num piscar de olhos, ao som da última trombeta”. Urge então aquele trabalho necessário de purificação para aproximarmos da imortalidade, transformando-nos em corpo celeste. Os maniqueus contestam não haver ressurreição do corpo, mas tão somente ressurreição da alma, sustentando que a Lei [de Deus?] a identifica com o sangue; coisas bem diferentes do entendimento de Agostinho que não joga ao escárnio o mistério oculto na Lei:

Mas se bem nós não ocupamos da alma das bestas, com as quais não temos nenhuma ligação de racionalidade... retemos o que a Lei afirma... o sangue não deve ser tomado como alimento, porque o sangue é a alma – seja dito simbolicamente... – como tantos outros mistérios do Antigo Testamento são plenos de significados figurativos... e Paulo [aconselhava] aos filhos de Israel [irmãos na fé] no deserto beberam a água jorrada da rocha... a rocha indicava Cristo... não no sentido carnal, mas espiritual. (12.5)

Está escrito em Deuteronômio: “Guardai-vos de não esquecer a aliança que Deus estabeleceu convosco de não fazer estátuas e retratos... O vosso Deus é um fogo devorador e um Deus zeloso”. (13.1)

Adimanto propõe uma interpretação malévola da Sagrada Escritura apoiando-se no aspecto zeloso de Deus, que para Agostinho e igualmente caluniosa ao juntar a afirmação de Jesus que nos proíbe o culto de ídolos... e homem aproximando-se de Jesus disse: “Bom Mestre, que coisa devo fazer para ter a vida eterna? Jesus responde: Por que me chamas bom? Nenhum é bom senão Deus só”. (13.2)

A propósito do zelo de Deus parece engano atribuí-lo à paixão ou ao sofrimento, não sendo possível afirmar nada que o seja digno, resguardando aquele caráter de inefabilidade e excelência divinas; entendendo descer até a palavra humana. Agostinho afirma poder dar uma explicação racional, mas impossível é tanger a dignidade do inefável; nos

resta ao contrário compreender um silêncio que divinize o homem? Não ao peso de dor e punição, mas como ato puro!

Análogo raciocínio se adiciona à expressão: “Fogo devorador”. Agostinho parece questionar os maniqueus sobre o tipo de “fogo” que Jesus veio trazer ao mundo? Na Bíblia se afirma: “...Não vos trago a paz mas a guerra”. O mesmo Evangelho diz que não se pode colocar em discussão, não por respeito a Cristo, mas com o propósito de enganar os cristãos. E Jesus parodiando o Antigo Testamento anuncia: “Eu sou um fogo devorador... (significando isso a palavra de Deus)”. Os desventurados objetaram ser outra coisa, mas Jesus explica depois a seus discípulos e esses então admitiam: “...não nos ardia talvez o coração dentro durante o caminho, enquanto nos explicava as Escrituras?” Na verdade, Deus é um fogo devorador e assegura: “o amor divino consome a velha vida e renova o homem... temei antes o fogo preparado aos hereges”. (13.3)

Adimanto recorda estar em contraste as palavras do Evangelho com as Leis do Antigo Testamento: “Que os vossos corações não se arrependam por excesso de alimento e de vinho ou pelos afãs da vida... é por bem não comer da carne, nem beber do vinho...”

Adimanto deriva a citação do Antigo Testamento e depois precisa seu argumento:

... não se refere a uma desmesurada avidez ... O Senhor não te deu um prazer imoderado, mas suficiente ao sustento natural e à saúde. Quem pois persegue a gula sem moderação, favorece o próprio vício, não o prazer dado pelo Senhor... Quando se satisfaz aquele prazer natural e moderado, não sobrevém o pesar por excesso... (14.1)

O Apóstolo Paulo não diz que “comer carne” e “beber vinho” seja impuro, como pensam aqueles que se enganam induzindo outros ao erro por se deixarem convencer. O contexto da carta de Paulo diz:

Acolheis entre vós quem é débil na fé sem discuti-la com hesitação. Um crê poder comer de tudo, outro ao contrário, que é débil, come só legumes. Aquele que coma não despreze nem julgue mal quem não coma, porque Deus o acolheu, e está de pé... e rende graças a Deus... cessemos de julgar uns aos outros, penseis ao contrário em não ser pedra de tropeço ou escândalo aos irmãos... O reino de Deus não é questão de comida ou bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo... A fé que possua conserve-a por si mesmo diante de Deus. (14.2)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

4. *Conclusão*

De fato, para dizer a verdade ele não se referiu àqueles para abster-se de tais alimentos, para frear a própria cupidez ou para respeitar a debilidade alheia, retendo imundícies que Deus as tenha criado. Lembra o ensinamento do Apóstolo: “*Tudo é puro para quem é puro*”, não a preocupação secular. Mais adiante completa sua reflexão: “Tudo é lícito, mas nem tudo é útil... nem tudo edifica. Não procure o útil próprio, mas aquele do [“bem comum]... sem pedir nada por escrúpulo de consciência... Por que deveria reprovar aquilo por que sendo graça?” (14.3)

Quando o Apóstolo indica que algumas coisas vêm proibidas ou impuras, está a significar alguma impureza dos homens, e que não venham acolhidas na eterna comunhão com o corpo de Cristo, de modo a trazer algum dano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Raymundo de. O maniqueísmo: o bem, o mal e seus efeitos ontem e hoje. *Revista Espaço Acadêmico*, ano I, n. 7, dez-2001. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/007/07ray.htm>>. Acesso em: 27-03-2016.

MANIQUEÍSMO. In: _____. *Estudante de filosofia*. Disponível em: <<http://www.estudentedefilosofia.com.br/doutrinas/maniqueismo.php>>. Acesso em: 27-03-2016.

MANIQUEÍSMO. In: *Wikipedia*. <<http://www.cacp.org.br/maniqueismo.htm>>. Acesso em: 27-03-2016.

RODRIGO, José Antonio Galindo. *OAR*. Blog Pequeno Monge Agostiniano. Disponível em: <<https://pequenomonge.wordpress.com/2014/03/27/santo-agostinho-e-o-maniqueismo>>. Acesso em: 27-03-2016.

SANTO Agostinho. *Contra Adimantum*. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/contro_adimanto/index.htm>. Acesso em: 27-03-2016.

_____. *Contro Adimanto*. Disponível em: <http://www.augustinus.it/italiano/contro_adimanto/index.htm>. Acesso em: 27-03-2016.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SOFOS. Livre arbítrio vs determinismo. In? SOFOS. *Expressões Filosóficas*. Disponível em: <<http://sofos.wikidot.com/livre-arbitrio-vs-determinismo>>. Acessado em 27/03/2016.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.